

Uma investigação na aula de Estudo Acompanhado

Irene Segurado

Estávamos no final do segundo período e as tarefas escolhidas por mim e pela Rute, colega de Inglês que lecciona comigo a área curricular de Estudo Acompanhado, já tinham sido todas trabalhadas com os nossos alunos do 5ºF. Prontifiquei-me para pensar uma nova tarefa. Cheguei a casa e, sem nenhuma ideia predefinida, retirei da estante alguns livros que achei poderem ser úteis nesta minha incumbência. Não tive que me esforçar muito. Ao folhear *Materiais para a sala de aula* deparei-me com uma tarefa que já conhecia e achei de imediato ser uma boa proposta para levar aos alunos.

Quem tem dinheiro pode usar palavras "caras", é este o nome da tarefa escolhida. Apesar de já elaborada em termos de ficha para alunos no CD-Rom que acompanha o livro, introduzi-lhe algumas modificações. Procurei torná-la um pouco mais curta pois apenas dispunha de uma aula de 90 minutos para a sua concretização. Assim, tentei fazer uma fusão entre a tarefa apresentada no livro e uma outra idêntica que me havia sido fornecida numa acção de formação pelo seu próprio autor. Os escudos tiveram também de ser transformados em euros.

Contente com a opção feita, entreguei à Rute a tarefa para que a criticasse. Foi aceite com entusiasmo pelo que definimos algumas regras. A tarefa iria ser realizada em pequenos grupos, faríamos uma pequena explicação do que se pretendia e haveria um momento para discussão colectiva.

Uma outra decisão que tomámos foi deixar ao critério dos alunos o uso ou não da máquina de calcular e do dicionário.

Conforme o combinado, informámos os alunos que a actividade que iam desenvolver se iria realizar em pequeno grupo, que haveria um espaço para a sua concretização e um momento para apresentação do trabalho realizado. De seguida procedemos à distribuição da ficha e à sua leitura de forma a colmatar dificuldades de interpretação e de algum modo motivar os alunos para a sua concretização. Ao mesmo tempo que a Rute foi lendo e explicando a primeira ques-

tão registei no quadro: $a=1$ euro, $b=2$ euro, $c=3$ euro, $d=4$ euro, $e=...$, com o fim de lembrar os alunos de que há necessidade de organizar os dados, sem contudo o verbalizar. Importa ainda referir que estes alunos já haviam desenvolvido trabalho investigativo nas aulas de Matemática.

Após a nossa breve introdução, os alunos começaram a trabalhar. Numa primeira passagem pelos grupos verificámos que todos, habituados a jogar o *Jogo da força*, haviam optado pela escolha da mesma palavra *otorrinolaringologista* sem pensar muito nas razões da sua escolha, a não ser que é uma palavra que utiliza muitas letras. Nem sequer uma tabela com o preço das letras havia sido elaborada, pelo que eu e a Rute decidimos tomar essa palavra proibida.

Os alunos não se mostraram aborrecidos pois também não lhes agradava que a sua palavra fosse igual à dos outros grupos. Em breve novas palavras foram aparecendo e para sabermos o seu preço surgiu a necessidade de organizar os dados. Só então tomou significado o que eu havia começado a delinear no quadro quando introduzimos a tarefa.

Haviam decorrido 25 minutos e todos os grupos tinham elaborado uma tabela de preços e procuravam encontrar uma palavra bastante cara. A Rute havia conseguido transformar a motivação *Vamos ver quem é o grupo que consegue encontrar a palavra mais cara?* num desafio que foi agarrado pelos diferentes grupos.

Tarefa

Quem tem dinheiro pode usar palavras "caras"

Supõe que todas as letras têm um preço. O "a" custa 1 euro, o "b" 2 euro e assim por diante, até ao "z" que é a letra mais cara, pois custa 26 euro.

1. Qual é a palavra portuguesa mais "cara" que consegues encontrar?
2. Quantas palavras portuguesas, que custem menos de 5 euro, consegues achar?
3. Encontra o maior número possível de palavras que custem mais de 35 euro, mas menos de 45 euro.
4. Tenta agora fazer o mesmo para as palavras inglesas que já conheces.



Figura 1. Alunos realizando a tarefa *Quem tem dinheiro pode usar palavras "caras"*.

Na procura de uma palavra suficientemente cara para vencer a dos seus colegas os alunos foram-se apercebendo que era vantajosa a utilização de determinadas vogais e consoantes. Nenhum grupo ficou pela primeira palavra escolhida tendo sido feitas várias tentativas.

Durante a fase de realização da tarefa há a referir alguns episódios que me parecem reflectir de algum modo o trabalho desenvolvido nos grupos.

Num grupo os alunos escolheram, como primeira estratégia, procurar as palavras nos manuais. Abandonaram-na e optaram por "construir" por si próprios a palavra, a partir das letras mais caras. Noutro grupo, após a escolha de uma palavra, procederam à sua alteração de forma a torná-la mais cara, obtendo assim uma família de palavras. Houve ainda um grupo que nos questionou quanto ao preço de um acento propondo que este valesse 50 cêntimos. Colocada a proposta à turma esta foi aceite.

Quando faltavam 15 minutos para a aula terminar os grupos apenas haviam concretizado as duas primeiras questões. Como estávamos na última aula deste período, pareceu-nos ser

mais importante que os alunos comunicassem aos outros grupos o trabalho que haviam desenvolvido do que dar resposta às questões que faltavam. Assim, pedimo-lhes que interrompessem o trabalho e revelassem as palavras escolhidas justificando a opção feita.

As palavras escolhidas foram as seguintes: Arqueologia; Arqueologistas; Ovovivíparos; Ortopedista; Informáticos. As justificações apresentadas passaram por: *ter vários Os; ter muitas letras, as consoantes serem do fim, palavra com muitos Os e Vs; usar o plural...* Quanto à 2ª questão, quase todos os grupos haviam descoberto as palavras mais baratas.

Estávamos a dar por terminada a aula quando a Raquel nos perguntou *Mas afinal qual é a palavra portuguesa mais cara?*, pergunta para a qual não tínhamos resposta imediata...

No fim da aula eu e a Rute conversámos sobre a tarefa. Para nós era uma proposta de trabalho que havia tido sucesso e como tal ia ser divulgada aos outros colegas (prática corrente na nossa escola). Apesar da tarefa não ter sido concluída, a actividade realizada pelos alunos fez apelo ao

trabalho de grupo, à autonomia, à persistência, à comunicação e ao raciocínio, ao mesmo tempo que os levou a perceberem a necessidade de organizar dados, conjecturar e validar resultados. Deste modo, pensamos que a tarefa pode contribuir para o desenvolvimento de competências que permitem a *apropriação pelos alunos de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens (Decreto-Lei 6/2001)*.

Irene Segurado
EB 2,3 Dr. Rui Grácio